

## ESFACELAMENTO AMOROSO NO CONTO “VENHA VER O PÔR DO SOL” DE LYGIA FAGUNDES TELLES

*Samea Rafaela Lopes da Silva Diógenes\**

*Maria Aparecida da Costa\*\**

**RESUMO:** As especulações sobre as questões amorosas sempre estiveram presentes na sociedade, cada período histórico-literário proclama um discurso amoroso, sendo assim, propomos com este estudo analisar como o amor Eros está descrito na literatura brasileira contemporânea, mais especificamente, no conto “Venha Ver o pôr do Sol”, integrante do livro *Antes do baile verde* (2009), da escritora Lygia Fagundes Telles. Nosso trabalho apresenta a recorrência do discurso amoroso na contemporaneidade, em que podemos observar como as questões amorosas continuam no inconsciente do homem, todavia, mostrando como o amor encontra-se fragmentado socialmente, permeado por relações insólitas, com sujeitos vazios, insatisfeitos e inseguros. Consideramos ser pertinente observar no conto “Venha ver o pôr do sol”, a recorrência de sentimentos simultâneos de amor e ódio na personagem principal Ricardo, sentimentos estes que leva o sujeito a sua degradação por não ter sido correspondido amorosamente como desejava.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amor; Contemporaneidade; Lygia Fagundes Telles.

### Considerações iniciais

Lygia Fagundes Telles se destaca como um dos nomes mais significativos da ficção moderna do país pela sua prosa intimista e discurso fantástico. Embora a década de 1950 tenha sido um período em que houve um aumento no número de escritores voltados para a literatura fantástica e intimista, Telles destaca-se pela abundância de recursos estilísticos

---

\* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras -PPGL da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- (UERN), *Campus* Maria Elisa de Albuquerque Maia.

\*\* Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora Adjunto IV na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN.

com que escreve, “ela cria quase que uma sintaxe própria” (LAMAS, 2004, p. 78). A literatura fantástica, toma novas formas no século XX, nesse contexto “a habilidade técnica e a autocrítica se agudizam e os interesses se fixam no movimento psicológico interior, [...] maior abertura à imaginação e uma poetização do discurso narrativo” (LAMAS, 2004, p. 68).

Em 1970 publica o livro *Antes do baile verde*, uma coletânea de contos na qual está incluído o conto “Venha ver o pôr do sol”, este texto apresenta uma narrativa conflituosa, em que predominam questões como dominação, alienação, amor e vingança. Lygia situa-se como representante de uma vertente voltada para o realismo intimista-existencialista (LAMAS, 2004), seus contos apresentam as nuances emocionais do ser humano, refletidas através de seus personagens que sofrem conflitos interiores com crises existenciais de solidão, angústias e medos, todos os males da sociedade pós-moderna. Conforme aponta Bauman (2004), vivemos em um cenário líquido em que as relações não se sustentam, são cada vez mais fragmentadas.

Assim, é notório nesse contexto pós-moderno como o sentimento amoroso entra em decadência, tanto no que diz respeito ao amor próprio (pois, o sujeito não se auto reconhece), como na dificuldade que se tem em se entregar inteiramente a um outro. Isso é recorrente de vários fatores, conforme aponta Cristina Nehring no livro *Em defesa do amor* (2012, p. 84), “a queda dos tabus nas últimas décadas veio acompanhada de uma queda de sentimento”. Assim, o romantismo, o sonho do príncipe chegando em um cavalo branco, tudo foi por terra, agora os relacionamentos são de fáceis acessos, o sexo, que antes era pregado que só poderia acontecer após o casamento, agora virou quase uma obrigação diária. O sujeito se sente quase obrigado a atender a rapidez das coisas e aquele que se distancia desse “ideal” que a sociedade moderna apresenta, torna-se reprimido, deprimido e frígido, conforme propõe Nehring, (2012).

Entende-se que apesar do discurso amoroso ser configurado como fragmentado, o sujeito necessita sempre da presença de objeto de amor, mesmo que esse seja criação do seu imaginário, como forma de manter-se vivo. O sujeito vive numa difícil encruzilhada a

ser seguida, mas necessária, pois ao mesmo tempo que o amor leva o sujeito ao gozo, sua falta leva-o a um vazio, a uma falência psicológica.

### **Considerações sobre a temática do amor nos contos de Lygia Fagundes Telles**

Sobre o amor, Lygia Fagundes Telles no prefácio do seu livro *A estrutura da bolha de sabão* (2010), confidencia a seu gato: “Não conte a ninguém, mas descobri, a bolha de sabão é o amor” (TELLES, 2010, p. 10); a escritora enfatiza que a bolha de sabão não tem estrutura, logo, ao comparar o amor a bolha de sabão, quer dizer que o amor não tem estrutura, não é compreensível nem tão pouco previsível, é volúvel, incerto.

O jogo amoroso nas obras de Telles se realiza nos constantes encontros e desencontros das personagens. Não se vê o tradicional par amoroso em harmonia, o amor é despido de qualquer idealização de algo eterno e feliz, e isso implica numa inevitável decepção, como se o amor fosse inalcançável. As personagens de suas obras quase sempre são problemáticas, sofrem conflitos interiores, vivem em constantes monólogos, tentando encontrar uma razão para viver e idealizando um outro que possa preencher seu vazio. Conforme proposto por Maria Cecília Rufino:

O amor vivido pelas personagens lygianas caracteriza-se por apresentar a problemática de Eros considerado o desejo total, aquele que não decresce jamais, que não se satisfaz e que não se realiza em nosso mundo, porque deseja abraçar o todo e vive numa constante busca pela satisfação (RUFINO, 2007, p.15).

Assim, compreende-se que as personagens lygianas vivem intensamente as relações mesmo sem a garantia de correspondência, o que importa é experimentar o sentimento da paixão. Observa-se, ainda, nos textos de Telles uma tendência a explorar as manifestações psicológicas, ela mergulha fundo na alma das personagens, levando o leitor a vivenciar todos os conflitos e desencontros que os personagens comportam, incluindo-se então o amor como parte desses conflitos.

No artigo, “Amor-renúncia em conto de Lygia Fagundes Telles” (2014), Paula Alves destaca a ênfase que a escritora dá à relação homem-mulher nas suas vivências amorosas. Na perspectiva feminina, a escritora apresenta: “as mulheres iludidas e sofredoras; outras que iludem a si mesmas; algumas que enganam os parceiros consciente ou inconscientemente; e as esperançosas, sejam de forma ingênua ou egoisticamente” (ALVES, 2004, p. 85). Quanto aos homens a escritora enfatiza categoricamente que alguns se mostram carinhosamente protetores, outros muito dóceis, mas insatisfeitos, e outros falsos e alienados (ALVES, 2014).

Outro aspecto importante no que diz respeito ao amor na obra de Lygia Fagundes Telles é que as personagens não só idealizam um amor, elas têm encontros reais, concretos, por mais que sejam relações que não durem, elas aproveitam e vivem intensamente o momento. Além disso, não se conformam com a insatisfação amorosa, buscam novas experiências, o proibido, o prazeroso. Conforme aponta Costa: “personagens femininas de Telles entendem melhor a dinâmica amorosa se comparadas aos homens; pois mesmo que a relação amorosa vivenciada não dê certo, não traga felicidade, elas usam da ilusão para driblar o amor real, usam da fantasia” (2014, p. 43), ou seja, independentemente que uma relação amorosa aconteça de fato ou não, as personagens usam a imaginação, idealizam suas fantasias para viverem um amor que as satisfaçam, ou que melhor as convéns. Sobretudo, podemos inferir que as personagens de Telles vivem relações amorosas intensas, como se o amanhã não existisse, o fracasso amoroso não é motivo para se desiludir do amor, as personagens aceitam a complexidade de Eros. Desse modo, “elas vivem, sentem e entendem que mesmo sem um futuro garantido mesmo que a chama flamejante que Eros traz seja fugaz, vale vivenciar o sentimento de paixão que leva ao amor” (COSTA, 2014, p. 44). Logo, o amor nos contos de Telles vem acompanhado por questões que são constitutivas da sociedade moderna, que são as inseguranças, as insatisfações, as paixões, o sofrimento e as traições.

Telles consegue fazer com que o leitor entre na intimidade da personagem e dali consiga ter uma identificação consigo mesmo ou refletir acerca dos desencontros, das frustrações e dos questionamentos que permanecem presos no inconsciente do homem.

### **A idealização amorosa em “Venha ver o pôr do sol”: das juras de amor à morte trágica**

O conto “Venha ver o pôr do sol” aborda questões referentes aos sentimentos humanos como o amor, o ódio, o abandono e a vingança. O conto retrata o último encontro dos ex-namorados Raquel e Ricardo, o encontro acontece em um cemitério abandonado, local onde Ricardo enclausura Raquel em um jazido para assistir o mais belo pôr do sol, como forma de vingar-se por ter sido trocado por outro. Assim, a narrativa aborda de forma atroz o sentimento de posse de Ricardo ao saber que Raquel o deixou para viver com outro. O rapaz, agindo de forma irracional, se torna um obsessivo, alimentando um amor doentio por Raquel, sendo capaz de seduzi-la friamente, e de forma maquiavélica desviar a moça de seu novo namorado:

Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira. À medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios. No meio da rua sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rasteiro, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde (TELLES, 2009, p. 135).

Nota-se como a produção de Telles é rica em elementos que remetem ao fantástico, ao sombrio, de modo a causar no leitor um sentimento de inquietação e suspense. No fragmento acima, o leitor é guiado pelo narrador a um local distante de tudo e de todos, o cenário é descrito através de elementos que possuem um teor negativo, criando uma atmosfera nebulosa, “a tortuosa ladeira”, “casas sem simetria”, “mato rasteiro”, além disso, vale ressaltar que a única “coisa” viva daquele local era débil, “a débil cantiga infantil”. O

narrador desde o início do enredo já faz com que o leitor perceba, pela descrição do ambiente, que aquele encontro apresentava uma certa negatividade e um certo suspense.

Logo em seguida, o narrador apresenta Ricardo “esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante” (TELLES, 2009, p. 135). A narrativa, de forma sutil, apresenta o caráter de Ricardo, sua expressão não dizia muito de si, aparentava ser um homem que não se preocupava muito com a aparência, levava uma vida simples, sem vaidades. As ações de Ricardo estavam longe de levantar qualquer suspeita do que estava para vir a acontecer, se direcionava a Raquel sempre com muito carinho, entretanto, seu discurso apresentava uma certa ironia: “– Raquel, minha querida, não faça assim comigo. Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda, como se isso fosse possível” (TELLES, 2009, p. 136). Ouvindo um discurso sedutor e bondoso Raquel não conseguia observar nada mais do que o ambiente desagradável que o rapaz havia escolhido para o último encontro deles; ela estava preocupada com sua aparência, era vaidosa e sempre o tratava com certa arrogância “- Veja que lama. Só você mesmo inventaria um encontro num lugar destes. Que ideia, Ricardo, que ideia!” (2009, p. 135).

Observa-se, pois, que o comportamento de Raquel se mantém da mesma forma durante toda narrativa, expressando ser uma moça ingênua e desatenta que se deixa levar por Ricardo e em nenhum momento observa suas expressões fisionômicas, que já denunciavam sua ira, ofuscada pela suas atitudes simpáticas que tentam esconder suas verdadeiras intenções. O comportamento mesquinho de Raquel provocava cada vez mais raiva em Ricardo, ele ficava impressionado com a arrogância da moça que fazia questão de dizer o quanto estava vivendo bem com o novo namorado, o que dilatava o desejo de vingança de Ricardo. “Ele riu malicioso e ingênuo”, ao observar as atitudes de Raquel tenta disfarçar suas perturbações psíquicas, “– [...] pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância. Quando andava comigo, usava uns sapatos de sete léguas, lembra?” (2009, p. 135), mas Raquel pouco se preocupava com sua opinião, apenas desejava que aquele encontro logo acabasse para nunca mais precisar olhar na cara do ex namorado.

É importante ressaltar que o clima do conto vai em um crescente e a atmosfera de suspense aumenta. A descrição do espaço denota ao leitor a ideia de um lugar lúgubre, obscuro: “Ele voltou-se para o velho muro arruinado. Indicou com o olhar o portão de ferro, carcomido pela ferrugem. – Cemitério abandonado, meu anjo. Vivos e mortos, desertaram todos. Nem os fantasmas sobraram, olha aí como as criancinhas brincam sem medo” (2009, p. 136).

Nota-se que ao mesmo tempo que Ricardo descreve o ambiente ideal para realizar sua vingança, ele acalma Raquel mostrando que nada de ruim poderia acontecer e que ninguém saberia do encontro entre eles, ali era o local perfeito, deserto, há anos ninguém mais era enterrado ali. Raquel muito ingênua e cegamente confiante do amor que Ricardo nutria por ela, jamais imaginaria que ele pudesse ser capaz de lhe fazer algum mal. Então de forma sarcástica ri da situação, de ter sido convidada para assistir a um pôr do sol em um cemitério “– Ricardo e suas ideias” (2009, p. 136), pensou.

A moça se sentia autoconfiante e pensava no ex namorado como seu escravo amoroso, ela sabia que ele a amava loucamente e desdenhava do sentimento dele. Essa autoconfiança é que a leva a aceitar o convite como um último encontro romântico em que os dois assistiriam no fim da tarde a um belo pôr do sol. Entretanto, suas intenções maquiavélicas eram ofuscadas pelo discurso de um homem apaixonado e vítima da paixão não correspondida. Isso faz Raquel acreditar nas suas boas intenções, e se sentir culpada por não corresponder ao amor dele, aceitando o último encontro.

- Conheço bem tudo isso, minha gente está enterrada aí. Vamos entrar um instante e te mostrarei o pôr do sol mais lindo do mundo. Ela encarou-o um instante. E vergou a cabeça para trás numa risada. - Ver o pôr do sol? Ah, meu Deus... Fabuloso, fabuloso! Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta buraqueira, só mais uma vez, só mais uma! E para quê? Para ver o pôr do sol num cemitério. Ele riu também, afetando encabulamento como um menino pilhado em falta. (TELLES, 2009, p. 136).

Ricardo tentava disfarçar toda a sua raiva, uma paixão doentia havia tomado conta do seu ser, seu amor havia sido transformado em ódio e o seu desejo de vingança havia virado uma obsessão. Percebe-se, na narrativa, que o personagem Ricardo demonstra já não ter mais amor próprio, pois não cuidava mais da sua aparência, além disso, queria destruir a todo custo o objeto que lhe dava prazer mas que ele não podia possuir. Desse modo, o amor que um dia nutriu por ela havia petrificado, deixando seu coração duro e amargurado.

No decorrer do conto, observa-se que a expressão fisionômica do rapaz muda em função de seus sentimentos, seus atos eram sempre contidos e as rugas sempre surgiam no seu rosto nos momentos de maior raiva.

Ficou sério. E aos poucos, inúmeras rugazinhas foram-se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígios (TELLES, 2009, p. 137).

[...]

Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram (TELLES, 2009, p.138).

[...]

Ele já não sorria. Estava sério, os olhos diminuídos em redor deles, reapareceram as rugazinhas abertas em leque (TELLES, 2009, p. 143).

Os fragmentos evidenciam o modo como ele continha sua ira, seu olhar e sorriso revelam sutilmente as intenções de sua alma, ele estava totalmente centrado na sua vingança e nada o faria voltar atrás. Ricardo possuía um grande poder de persuasão, ele consegue a todo momento se colocar no papel de vítima, mostrando-se sempre preocupado com o bem-estar de Raquel, mas ao mesmo tempo que se mostra preocupado em manter o sigilo do encontro para zelar a imagem de Raquel, sua fala apresenta indícios da sua verdadeira intenção.

– Mas me lembrei desse lugar justamente porque não quero que você se arrisque, meu anjo. Não tem lugar mais abandonado, veja completamente abandonado – prosseguiu ele, abrindo o portão. Os velhos gongos gemeram. – Jamais seu amigo ou um amigo do seu amigo saberá que estivemos aqui (TELLES, 2009, p. 137).

Presume-se que Ricardo, ao direcionar sua fala a Raquel, possui um discurso de posse, quando o mesmo utiliza o pronome “meu”, como se ela fosse um objeto que exclusivamente deveria pertencer só a ele. Mesmo começando a sentir medo no cemitério, uma vez que o cenário era sem cor e sem vida, carregado por uma atmosfera que causava medo e pavor, Raquel se deixava conduzir: “amuada mas obediente, ela se deixava conduzir como uma criança” (2009, p. 138). Observa-se que Raquel apenas exerce seu papel culturalmente construído em uma sociedade patriarcal, reforçando a ideia da mulher ser conduzida por ser considerada sexo frágil. Desse modo, ingenuamente, Raquel se deixa levar para o seu próprio fim, iludida com a boa intenção masculina de vislumbrar uma paisagem bonita como gesto de seu mais puro e infinito amor.

Ricardo é extremamente astuto, tudo estava sob seu controle, chega a usar parentes enterrados naquele cemitério como artifício para conduzir a moça ao lugar que ele planejara. Ao se depararem com a imagem sombria que aquele jazigo apresentava, ele tenta disfarçar mais uma vez o lado fúnebre daquele encontro.

—Ah, Raquel olha um pouco para esta tarde! Deprimente por quê? Não sei onde foi que eu li, a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio-tom, nessa ambiguidade. Estou lhe dando um crepúsculo numa bandeja e você se queixa (TELLES, 2009, p. 138).

Seria no momento do crepúsculo (fim da tarde) que realizaria sua vingança, porém, Raquel, assustada com o que visualizava naquele local, tenta desistir daquele encontro, se mostrando arrependida por ter aceitado o convite, sentia medo, quanto mais caminhavam pela imensidão daquele cemitério mais se deparavam com sepulturas corroídas e assoladas pelo tempo.

— Mas é esse abandono na morte que faz o encanto disto. Não se encontra mais a menor intervenção dos vivos, a estúpida intervenção dos vivos. Veja – disse apontando uma sepultura fendida, a erva daninha brotando insólita de dentro da fenda – o musgo já cobriu o nome da pedra. Por cima do musgo, ainda virão as raízes, depois as folhas... Esta, a morte perfeita, nem lembrança, nem saudade, nem o nome sequer. Nem isso (TELLES, 2009, p.139).

Todo o ódio de Ricardo é camuflado pela sua aparência, mas manifestado de forma implícita na sua fala, aquela era a morte que havia premeditado para Raquel “nem lembrança, nem saudade, nem o nome sequer” (2009, p. 139). Vendo a impaciência de Raquel, o ex namorado inventa que ali naquele cemitério está enterrada sua prima Maria Emília, uma moça linda que o amou verdadeiramente, e que tinha os olhos parecidos com os de Raquel, olhos assim “meio oblíquos” (2009, p. 140). Nesse momento o leitor toma conhecimento que Raquel também o amou, “Raquel tirou-lhe o cigarro, tragou e depois devolveu-o. – Eu gostei de você, Ricardo. – E eu te amei. E te amo ainda. Percebe agora a diferença?” (2009, p. 140); para Raquel só restaram as lembranças entre eles, mas para Ricardo o amor que sentia por ela continuava mais forte do que nunca. Essa paixão obsessiva o deixou cego, não pensava no que poderia lhe acontecer, nada o faria voltar atrás, a morte dela seria a única forma dele amenizar sua dor e o seu sentimento de insuficiência.

Dessa maneira, a atitude de Ricardo, no conto, nos surpreende de diversas maneiras, faz o leitor acreditar em um encontro romântico, porém, com seus atos contidos sobre uma força maior, ele age como um psicopata. É um personagem que sofre perturbações psíquicas, oscilando entre o bem e o mal, o amor e o ódio. Para ele a ideia de não possuir a Raquel era perturbador, não poderia imaginar a mulher que tanto amava viver ao lado de outro. Assim, depreende-se que ao procurar sua amada para um último encontro, ele tenta jogar para ela toda culpa do seu fracasso e de sua infelicidade, foi esse pensamento que o manteve firme até o fim.

Pode-se perceber que Ricardo é um personagem que possui inúmeros anseios e questionamentos, o que faz dele uma pessoa insegura e vulnerável ao bem e ao mal, jamais

suportaria pensar em viver sem Raquel, era doloroso ter essa ideia o perseguindo. De acordo com Kristeva, para um homem “nada é mais doloroso do que uma ruptura amorosa” (1941, p. 423), suportar a ideia de ser trocado por outro era inadmissível. Assim, era preciso um esvaziamento do sentimento de ciúmes que estava preso dentro de si, e para ele só havia um modo de aliviar esse sentimento, vingando-se. A ideia de ciúmes dele segue associado ao sentimento de insuficiência e inferioridade, pois Raquel fazia questão de falar do namorado rico, aumentando sua indignação pela rejeição da sua amada.

Fica evidente para o leitor que o motivo que levou Ricardo a elaborar essa vingança cruel foi o amor que ele julgava sentir pela moça. O amor doentio e não correspondido gerou ciúme, ira, ódio e desprazer com a vida. Conforme Stendhal (2007, p. 79) “quando algum movimento de ciúme ou desprazer conduz ao sangue-frio, pode-se geralmente realisar falas próprias para fazer nascer a ebridade favorável ao amor”, pois bem, essa ebridade a favor do amor não foi possível florescer em Ricardo, pois Raquel com seus atos sempre rudes e atitudes arrogantes aos olhos de Ricardo, fortalece seu plano, favorecendo assim o ódio no lugar do amor.

Pararam diante de uma capelinha coberta de alto a baixo por uma trepadeira selvagem, que a envolvia num furioso abraço de cipós e folhas. A estreita porta rangeu quando ele a abriu de par em par. A luz invadiu um cubículo de paredes enegrecidas, cheias de estrias de antigas goteiras. No centro do cubículo um altar meio desmantelado, coberto por uma toalha que adquirira a cor do tempo. Dois vasos de desbotada opalina ladeavam um tosco crucifixo de madeira. Entre os braços da cruz, uma aranha tecera dois triângulos de teias já rompidas, pendendo como farrapos de um manto que alguém colocara nos braços do Cristo. Na parede lateral, à direita da porta, uma portinhola de ferro dando acesso para uma escada de pedra descendo em caracol para a catacumba (TELLES, 2009, p. 140).

No fragmento acima, evidencia-se a imagem de um cenário carregado de elementos que denotam miséria e morte, as “folhas secas trituradas sobre os pedregulhos” (p. 138), a “capelinha coberta de alto a baixo por uma trepadeira selvagem”, “um pássaro rompeu o cipreste e soltou um grito” (p. 140), são elementos que obscurecem e reforçam o caráter funesto, ermo e abandonado daquele local. Faltava pouco para Ricardo se despojar de toda

sua insatisfação, chegando ao jazido onde enclausuraria Raquel, ele de forma sagaz usa palavras tristes e ambíguas para convencer Raquel a entrar no túmulo que diz ser da sua família.

— Que triste que é isto, Ricardo. Nunca mais você esteve aqui? Ele tocou na face da imagem recoberta de poeira. Sorriu, melancólico.

— Sei que você gostaria de encontrar tudo limpinho, flores nos vasos, velas, sinais da minha dedicação, certo? Mas já disse que o que mais amo neste cemitério é precisamente este abandono, esta solidão. As pontes com o outro mundo foram cortadas e aqui a morte se isolou total. Absoluta. (TELLES, 2009, p. 141)

Ele acende um fósforo e a oferece para ver de perto o túmulo da sua prima, para olhar bem de perto a semelhança dos seus olhos, Raquel ao visualizar o ano da morte de Maria Emília nota que foi vítima de uma mentira, quando observa a inscrição feita na pedra e descobre que Maria Emília morreu a mais de cem anos atrás, “- Mas esta não podia ser sua namorada, morreu há mais de cem anos! Seu menti...” (2009, p. 142), mas já era tarde, quando se deu conta da situação já estava trancada. O plano de Ricardo se concretiza, ele então se direciona a Raquel e de forma apazível diz que ela terá o pôr do sol que ele a prometeu: “- Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta, tem uma frincha na porta. Depois vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr do sol mais belo do mundo” (2009, p. 143).

Esse é o momento em que o leitor toma conhecimento do objetivo de Ricardo, a angústia de Raquel é aterrorizante, ele em nenhum momento se sensibiliza com o desespero expressado por ela, simplesmente despede-se e vai embora, “- Cretino! Me dá a chave desta porcária, vamos! – exigiu, examinando a fechadura nova em folha” (2009, p.143). A partir disso, a moça percebe o verdadeiro propósito do rapaz, tudo havia acontecido da maneira que ele havia planejado, a fechadura nova comprova que nada foi por acaso, ele havia pensado em tudo que fosse necessário para que seu plano não falhasse.

Guardando a chave no bolso, ele retomou o caminho percorrido. No breve silêncio, o som dos pedregulhos se entrechocando úmidos sob seus sapatos. E, de repente, o grito medonho, inumano:

— Não!

Durante algum tempo ele ainda ouviu os gritos que se multiplicaram, semelhantes aos de um animal sendo estraçalhado (TELLES, 2009, p. 143).

Nessa passagem a maldade gratuita que Ricardo tem para acabar de forma cruel com a sua amada, ferido no seu orgulho, descartar o outro era uma forma de aliviar suas angústias, no estado de fúria que o seu coração se encontrava, a morte era a única forma de comprazer-se daquele amor não correspondido. Conforme Kristeva (1941, p. 396) “a morte é [...] o gozo como nostalgia: ao alcance da mão mas perdido para sempre, impossível. [...] a mulher (o outro, o objeto) é abolida, mas para renascer nesta cristalização máxima que é o amor pós-mortuário”. A paixão patológica do rapaz o faz crer que tudo ficaria bem com a morte de Raquel, ele poderia lembrar dos momentos felizes que viveram e a sua ausência o faria amá-la eternamente. Sobre a paixão patológica Stendhal (2007, p. 86) afirma que, “Nesse estado, a fúria nasce facilmente; não lembramos mais que no amor *possuir não é nada, gozar é tudo*”, o ódio e o desejo de vingança havia nascido no coração de Ricardo, nada o faria mudar de ideia.

O conto termina com a imagem de Ricardo em evidência, agindo de forma natural como se nada tivesse acontecido, além disso, em nenhum momento demonstra remorso ou arrependimento do que fez. “Acendeu um cigarro e foi descendo a ladeira. Crianças ao longe brincavam de roda” (2009, p. 144), a imagem das crianças brincando de roda dá a ideia de continuidade do ciclo da vida, ou seja, que tudo permanece do mesmo modo que antes, e que não teria mais que dividir sua amada com ninguém, apenas com as suas lembranças.

## Considerações finais

É importante apontar que o conto “Venha ver o pôr do sol” contempla de forma exemplar o amor e a morte, constatando ser ela o fim de tudo e paradoxalmente a morte é o elemento principal que sustenta a história de amor. O enredo apresenta um amor trágico em que tudo gira em torno dos desvarios de Ricardo, nota-se que o apaixonado está em conflito direto com o seu próprio eu, e a arma que fere seu coração é a indiferença e a falta do amor de Raquel, que, para ele é a causadora de sua infelicidade. A personagem Ricardo fundamenta seu discurso de ódio e vingança a partir das ações de sua amada, que o faz sofrer por reconstruir sua vida amorosa com outro homem. Desse modo, entendemos que foi por ter sido tão submissa e aceitado tudo que Ricardo falava, que leva Raquel a ser condenada de modo tão severo, ou seja, foi sua própria falta de posicionamento e liberdade que levou Ricardo a trancá-la em um jazido, uma vez que, em nenhum momento ela fez algo que pudesse persuadi-lo a mudar de ideia. Deve-se salientar que, Lygia Fagundes Telles, propicia ao seu leitor a experiência de sentir, através da escrita, todas as dissidências que as personagens sofrem, mergulhando fundo nos conflitos existenciais, como o amor, a traição e a solidão, tipicamente complexos e característicos da sociedade pós-moderna.

Ricardo, é um personagem que se mostra incapaz de tentar descobrir uma outra forma de compreender a vida a não ser vivendo ao lado de Raquel, como sabia que isso não seria concebível, só através da morte é que seria possível a eternização daquele amor. Assim, diante da vida desnordeada e do seu constante desassossego, cria uma fantasia amorosa que se firma através da morte da sua amada. Conforme aponta Costa (2014, p. 35) “a pessoa que ama fica paralisada, indefesa e com os sentimentos confusos, agindo de forma não consciente e praticando toda sorte de loucuras”. Dessa forma, compreendemos que em “Venha ver o pôr do sol” a morte é o que concretiza o amor, pelo menos na cabeça doentia da personagem masculina.

## LOVELY HEARING ON THE TALE "COME SEE THE SUNSET" BY LYGIA FAGUNDES TELLES

**ABSTRACT:** The speculations about love affairs have always been present in society, each historical-literary period proclaims a loving discourse, so we propose with this study to analyze how Eros love is described in contemporary Brazilian literature, more specifically, in the tale "Come See the sunset", a member of the book *Before the Green Ball* (2009), by the writer Lygia Fagundes Telles. Our work presents the recurrence of amorous discourse in contemporary times, in which we can observe how love affairs continue in the unconscious of man, however, showing how love is socially fragmented, permeated by unusual relationships, with empty, unsatisfied and insecure subjects. We consider it pertinent to observe in the tale "Come see the sunset", the recurrence of simultaneous feelings of love and hate in the main character Ricardo, feelings that lead the subject to its degradation by not being lovingly corresponded as he wished.

**KEYWORDS:** Love; Contemporary; Lygia Fagundes Telles.

### REFERÊNCIAS

- ALVES, Paula Rúbia. *Amor-renúncia em conto de Lygia Fagundes Telles*. Fólio-Revista de Letras. Vitória da Conquista, v. 6, n. 2. p. 83-99. Jul./dez. 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- COSTA, Maria Aparecida da. *A paz tensa da chama fugaz: a configuração do amor no romance contemporâneo*, Lygia Fagundes Telles e Lídia Jorge. Natal: Udufrn, 2015.
- KRISTEVA, Julia. *História de Amor*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.
- LAMAS, Berenice Sica. *O duplo em Lygia Fagundes Telles: um estudo em psicologia e literatura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. 288 p.
- NEHRING, Cristina. *Em defesa do amor*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.
- RUFINO, Maria Cecília. *A representação do amor em contos de Lygia Fagundes Telles*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2007. Dissertação Mestrado.
- STENDHAL. *Do amor*. Trad. de Herculano Villas-Boas. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- TELLES, Lygia Fagundes. Venha ver o pôr do Sol. In: *Antes do Baile Verde*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Recebido em: 26/09/2017.

*Aprovado em: 17/12/2017.*